

"Na quarentena o trabalho por aqui é grande. O medo existe sim, mas a agitação do dia-a-dia o deixa temporariamente escondido"



Os dias de quarentena aqui em casa são intensos. As horas passam voando e ao final do dia a sensação que se tem é de total exaustão. Eu tentei estabelecer uma rotina, mas as crianças sempre "bagunçam" tudo. Sou mãe de dois meninos: Gustavo, de 6 anos, e Gui, de 3 anos. Ambos são bem agitados e acordam antes das 8h. Aqui em casa, em quarentena, sou eu, o meu marido e as crianças. Para conseguir um tempo sozinha, acordo as 4h e, depois de fazer minhas orações, já ligo o computador para dar uma olhada nos e-mails, redes sociais e fazer algumas leituras.

Por volta das 7h, meu pequeno Gui acorda e então começa a agitação: dar lanche, preparar o almoço, lavar roupas e louças,

assistir alguma aula online da escola com o Gustavo, dentre outras coisas. O computador fica ligado o dia inteiro e ali no escritório realizo o meu trabalho. De repente, uma criança me chama, chora, pede atenção. Eu levanto, acalento e volto.

Logo já está na hora do almoço! Depois as compras chegam do mercado (via serviço de entrega) e cada item precisa ser lavado no tanque com cuidado e obsessão. Quando se olha o relógio: já são 20h! É hora de dar banho e colocar as crianças para dormir. O dia já se foi!

Na quarentena o trabalho por aqui é grande. O medo existe sim, mas a agitação do dia-a-dia o deixa temporariamente escondido. É entre uma atividade e outra que me informo sobre o que está acontecendo lá fora, na cidade, no país e no mundo. Surge um sentimento de tristeza e impotência. Daqui de casa, em quarentena, eu só peço a Deus que essa situação se resolva e passe o mais rápido possível.

Mônica Cruz, Secretária Editorial da Revista HCSM/COG